

82.09
19198
ex: 1
C.92569116

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 00.414526
Data 25 / 05 / 05
() Compra (x) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

VICTOR FRANKENSTEIN: UM HOMEM OBSTINADO

Maria Aurélia Sinhorin Damião

Pontes e Lacerda – MT

2004

Maria Aurélia Sinhorin Damião

VICTOR FRANKENSTEIN: UM HOMEM OBSTINADO

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Vanderlucé Moreira Machado Oliveira

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

Local e data da aprovação

À minha mãe, Elzira que com seu apoio intensivo, amor e dedicação é a responsável pela minha vitória e a chegada até aqui;

Aos meus filhos, Diego e Jhonatan, por terem suportado minha ausência e terem acreditado na minha vitória;

Ao meu marido, pela paciência e por me ajudar a chegar até aqui;

Aos meus irmãos e minha amigas Luciana e Marta por acreditarem em mim e me ajudarem nos momentos mais difíceis;

À professora Vanderluce, pela paciência; por acreditar e incentivar nos momentos que mais precisei.

A Deus:

No corre, corre da nossa vida diária,
esquecemos tantas vezes de te agradecer.

Obrigada Senhor, pelos nossos pais, irmãos,
filhos, sobrinho, mestres, amigos e por todos
aqueles que entraram na nossa história de vida
e nos ensinaram a crescer, pelo término desta
jornada, o mais sincero agradecimento a ti que
nos confiaste a vida. Através de nossa fé, de
nossas orações, de nosso amor, te agradecemos
por tudo que fomos, que somos e que ainda
seremos e, principalmente, por nunca nos ter
deixado nos momentos difíceis e por nos ter
permitido chegar até aqui.

Eu seria o primeiro a romper os laços entre a vida e a morte, fazendo jorrar uma nova luz nas trevas do mundo. Seria o criador de uma nova espécie – seres felizes e puros, que iriam dever-me sua existência.

(Mary Shelley)

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
APRESENTAÇÃO.....	08
VICTOR FRANKENSTEIN: UM HOMEM OBSTINADO.....	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	26

RESUMO

Neste trabalho estudamos o perfil do personagem Frankenstein e sua obstinação em criar um ser humano perfeito dentro da obra "Frankenstein" de 1918 da escritora inglesa Mary Shelley.

A obra foi escrita no auge do romantismo, por isso são pertinentes características do período na obra, que vão desde o comportamento dos personagens até a concretização dos mesmos. Existem ainda características do romance gótico que envolve ambientação sombria, trama envolvendo vida em suspense, clima romântico e doentio.

O personagem possui características do homem romântico, o egoísmo é uma das principais. Ele usa sua sabedoria e dedicação na tentativa de tornar-se imortal, constrói um ser com pedaços de cadáveres e lhe dá vida, esperava por um ser superior ao seu criador, mas como não saiu como esperava abandona a própria sorte.

PALAVRAS CHAVE: Frankenstein, Vida, Morte, Obstinação, Romantismo.

APRESENTAÇÃO

O trabalho ora iniciado de conclusão final à licenciatura plena em letras de descrição a personagem Victor Frankenstein e sua pretensão em criar um ser utilizando matéria morta (pedaços de cadáveres por meio do qual dá vida a uma nova criatura), tem como objetivo conhecer o perfil deste personagem, tratando ainda de visualizar sua pretensão na criação da vida dentro da obra de "Frankenstein" de 1918 da escritora inglesa Mary Shelley, procuraremos fazer um estudo mais detalhado do personagem acima citado.

Procuramos enfatizar principalmente esta obra da literatura inglesa do século XIX, pois a riqueza desta nos causou intimidação na escolha de um aspecto para ser trabalhado. A maneira com que o narrador descreve as situações é de uma riqueza de detalhes, tanto que o leitor é colocado como testemunha ocular de seus personagens. Escolhemos esse tema por ser um assunto intrigante, muito fascinante e que nos causou discussões, dividindo opiniões e por ainda continuar na atualidade.

Para construção desta interpretação sobre o personagem, buscamos respostas em várias teorias. Mas para melhor compreensão deste estudo, debruçaremos sobre os livros literários que demonstra a questão humanista apontados pelos seguintes autores; Roger Shatuck, J. Guinsburg, Mario Praz, Antonio Candido, entre outros, eles são alguns teóricos que tomaremos como base para algumas informações desta análise de estudo. Analisar um objeto alicerçado nestes teóricos, implica em vê-los sobre a ótica literária, isto é, Victor Frankenstein é visualizado a partir da observação de dados literários como seu procedimento, contexto histórico e situacional. Desta forma apresentaremos dados que faz a construção da personagem.

A finalidade deste trabalho, antes de qualquer coisa, é, aperfeiçoar nosso conhecimento acerca do personagem Victor Frankenstein dentro da literatura. O esperado, ao final é que tenhamos conseguido o maior conhecimento possível sobre sua obstinação na criação do ser humano perfeito. Ao ler a obra o assunto nos chamou a atenção por ser escrito em 1818 e continuar atualmente, pois vem sendo discutido até nossos dias pelos cientistas que com a clonagem tentam reproduzir em laboratório um homem completo. Desta forma acreditamos que uma das maneiras de começar o

processo reflexivo é procurar conhecer o que a teoria e a pesquisa dizem sobre aquilo que se deseja conhecer.

Enquanto isso, adentramos em várias e várias pesquisas para começar o nosso objetivo. Assim cremos ter conseguido antes o empenho e a força de vontade, além de muita pesquisa, muita garra desprendida o objetivo desejado que é um conhecimento mais profundo da obra.

VICTOR FRANKENSTEIN: UM HOMEM OBSTINADO

O tema de "Frankenstein" (1818), tem sido discutido muito entre os estudantes de literatura atual. Esta discussão ou estudo instigou-nos a uma pesquisa desta literatura, de forma mais detalhada, precisamente procuramos estudar o personagem Victor Frankenstein, uma vez que ele no desenrolar dos acontecimentos nos fornece pistas para investigação de si mesmo, pois ele vai explorando gradativamente seu lugar de homem, cuja ambição desmedida e anseio por glória pessoal o leva à perdição.

A história do doutor Frankenstein e da monstruosa criatura por ele concebida vem fascinando gerações desde que foi publicada há mais de cem anos. Brilhante história de horror, escrita com fervor quase alucinatório, Frankenstein representa um dos mais estranhos florescimentos da imaginação romântica.

O relato começa com uma série de cartas escritas por um explorador do ártico chamado Robert Walton, descrevendo os eventos ocorridos quando seu navio encalhou no gelo, no momento em que a tripulação vê passar um homem gigantesco num trenó. No dia seguinte eles resgatam um segundo homem, quase congelado que depois de receber ajuda recuperar-se e pede para Walton ouvir e registrar sua história, esse homem é Victor Frankenstein que a partir daquele ponto narra sua história.

Victor Frankenstein teve uma infância agradável graças aos seus pais e Elizabeth, sua irmã de criação, passando ser sua noiva mais tarde. Mesmo sendo criança tinha um gênio forte; violentas paixões e uma sede de conhecimento. O primeiro interesse foi à poesia, depois teve alguma atenção na ciência, o qual virou rapidamente uma obsessão.

Ele nasceu em Genebra, Suíça, filho de uma ilustre família, cresceu junto com uma órfã, Elizabeth Frankenstein e dois irmãos, quando criança teve contato com narrações registradas de alquimistas, esquecidos desde o advento do racionalismo da era moderna. O personagem admirava muito sua irmã, ela era meiga, todas as palavras para descrevê-la podem parecer um símbolo de bondade angelical calma e concentrada, não prejudica ninguém.

Ingressa então na Universidade de Ingolstadt Alemanha, ele combina seus estudos de ciências naturais, com sua antiga obsessão, de descobrir o "elixir da vida". Estudou duramente quatro anos e num laboratório isolado onde reúne pedaços de

cadáveres. Dá vida a matéria morta com o objetivo de conseguir fama e sucesso por ser o primeiro homem a conseguir tal proeza. Depois de ver a criatura que havia criado, um ser de aparência horrível, Victor Frankenstein o rejeita e abandona, assim começa sua derrocada.

A criação do personagem, “monstro”, era de terrível aparência, não tinha nome, sempre descrito pelo seu criador, ele é feito de várias partes de corpos diferentes, tinha pele amarela, cabelo preto, dentes brancos e era muito feio, ele tinha um lábio enrugado, preto e largo. Tinha características suficientes para ser considerado um monstro. Sua aparência era a causa de todos os seus problemas.

Após ser rejeitado pela sociedade por sua aparência a criatura começa sua vingança contra seu criador, assassina as pessoas mais importantes para Victor Frankenstein, seu irmão mais novo Willian, Justine, a mulher que cuidava de Willian, que é condenada e executada pela morte de Willian, seu único amigo Henry Clerval, Elizabeth e Alphonse Frankenstein pai de Victor.

Notamos que com esses relatos na obra “Frankenstein”, existem características do romantismo que vai desde a ambientação até o comportamento dos personagens, notamos ainda características do romance gótico que envolve a ambientação sombria, trama envolvida em suspense, clima romântico e doentio.

Observamos dentro da ambientação sombria o quanto à obra é rica em detalhes, como nesta descrição: (...) *quando eu chafurdava na umidade dos sepulcros, ou esquartejava o animal vivo para aproveitar-lhe o sopro da vida na recomposição da minha criatura?* (...).¹ Tudo isto leva o leitor ao envolvimento com a narração, como se o mesmo fosse espectador, visualizando-se na cena descrita.

Existem também tramas envolvendo suspenses como descreve o personagem, *enquanto assim bradava, percebi na obscuridade uma figura que se esgueirava por trás de umas árvores próximo de mim. Fixei o olhar estarecido certifiquei-me do pior*.²

No fragmento da obra percebemos o clima de suspense existente, Frankenstein não sabe o que lhe espera. O que está para acontecer, sua vida parece ter se transformado num pesadelo. Ele não sabe quando a criatura vai atacar nem quem será

¹ (SHELLEY, 1998, p.49)

² (Ibidem, p. 70)

sua próxima vítima, essa incerteza fez com que o mesmo sofresse as consequências e ao mesmo tempo por não poder evitar que acontecesse, sofreu com a idéia de que seus amigos e familiares pagassem por seu ato.

Quanto ao clima romântico doentio, pode ser percebido no momento em que Frankenstein cresceu junto com Elizabeth, como se fossem irmãos, mas o sentimento, o amor que tinham um pelo outro era o de um homem por uma mulher e não o de irmão pela irmã. Percebemos que eles estavam predestinados a se casarem, pois viviam juntos desde criança. Em seus momentos de dificuldades e após o ato da criação do ser, vencido pelo cansaço e também para esquecer o tumultuado momento que estava vivendo, ele dorme e tem um sonho macabro com sua amada.

Sonhei que via Elizabeth passeando, vaporosa, pelas ruas de Ingolstadt. Surpreso, abracei-a, mas quando a beijei, seus lábios adquiriram a lividez da morte; suas feições se contraíram, e numa transmutação, apertei contra mim o cadáver da minha mãe³.

Em outras palavras é como se o sonho revelasse todas suas desventuras futuras, como se através dele Victor Frankenstein percebesse que com seu ato da criação realizou seu sonho, mas teria que pagar as consequências de seu ato e enfrentar as desventuras que estavam por vir.

Os sonhos que o haviam impulsionado durante os anos de estudo e dedicação à criação foram inesperadamente transformados numa realidade terrível. Essa realidade o deixou atordoado, desorientado, perdendo a noção do que fazia e por onde andava, viu na chegada de seu amigo um anjo para ajudá-lo.

Nosso personagem possuía várias características do homem romântico, entre elas, o egoísmo e demonstra também ser um ambicioso estudante de filosofia natural, que desde criança não concorda com a morte e os sofrimentos causados por ela. Ainda jovem perde a mãe, foi quando se decidiu estudar a transição da vida para a morte e da morte para a vida. Vejamos na afirmação do personagem: *esse estado de espírito acabou por abalar-me a saúde, ainda não recobrada de todo desde o primeiro choque. Eu fugia às pessoas fazia-me mal tudo que pudesse lembrar alegria mergulhava na*

³ (Ibidem, p.53)

*mais negra, profunda e imortal solidão.*⁴ Ao adquirir o conhecimento proibido, pedra angular da criação da vida, Frankenstein desequilibrou a relação entre meios e fins em sua ânsia egoísta de glória científica e superação de séculos de trevas. Como seu projeto foi executado à custa da privação do sol, paisagem natural e afetos familiares quanto mais tentava superar as trevas mais caía nelas.

Victor Frankenstein com sua visão romântica de conhecimento tinha em mente uma escultura viva, uma criatura superior ao seu criador em beleza, sensibilidade, inteligência, força e resistência; mas como tal criação poderia ser a imagem da beleza, se, seu criador para torná-la possível privou-se de vida e afeição acercando-se somente da morte, e ao mesmo tempo Frankenstein ao se rivalizar com Deus assume o papel do criador infringindo as leis divinas, por isso é castigado com o sofrimento e a morte.

J. Guinsburg escreve sobre o homem romântico definindo este como o principal, o mais importante de sua espécie, preocupando-se apenas consigo mesmo e sua existência, seu bem estar no mundo, com o advento do romantismo o homem passa a ser o centro de si mesmo do seu sentido de viver e permanecer no mundo, ou seja, apesar de demonstrar ser só, em seu sentimento, suas características também possuem atos coletivos. segundo Guinsburg:

(...) De todas as maneiras, um dos efeitos mais relevantes deste curso de idéias é que o homem passa a ser o centro de si mesmo, do sentido de seu viver e seu estar no mundo, perdidos os demais focos de ordenação, constituem-se no âmago de todo e qualquer significado de sua existência e a do mundo.⁵

Notamos tal evidência no discurso do “monstro” com Frankenstein, em que a autora demonstra o homem como centro de si mesmo como na seguinte descrição:

- Maldito! Exclamei – Como ousa aproximar-se de mim? Não teme a vingança de meu braço sobre essa sua cabeça diabólica? Vá-se verme asqueroso! Ou, antes fique, para que eu possa espezinhá-lo, fazendo-o voltar ao pó de onde eu o tirei.⁶

⁴ (Ibidem, p. 84)

⁵ (GUINSBURG, 1978, p.20)

⁶ (SHELLEY, 1998, p. 93)

Com seu egoísmo, e pensando apenas em si mesmo e no seu bem estar, Victor Frankenstein assume o lugar de Deus, julgando-se o todo poderoso fazendo o que lhe fosse mais conveniente. Ele se sentia o maior o mais poderoso, era ele próprio que ditava as regras. Como se fosse possível prevalecer apenas sua vontade, fazendo desaparecer suas desventuras junto com o ser criado por ele, acabando assim com suas preocupações e agonias.

Já o autor Mário Praz (1996) faz uma descrição do homem romântico como *homens fatais, a origem misteriosa que se supõe ser ótima, os traços e paixões extintas, a suspeita de uma horrível culpa, o hábito melancólico, a face pálida, os olhos inesquecíveis...*⁷ pelas atitudes do personagem e sua conduta percebemos o perfil do homem romântico descrito por Mário praz, onde sua culpa parece deixar desorientado, sua melancolia e expressão de seus olhos denotam os conflitos pelos quais passava. Como vemos no comportamento de Frankenstein, *Não podia permanecer no mesmo lugar um só instante saltava sobre as cadeiras, batia palmas e ria alto (...) notou meu olhar alucinado, que não conseguia explicar, o meu riso nervoso, desenfreado, pouco natural (...).*⁸ A personagem nos demonstra ter surtos de inquietação, nervosismo, fatos que o leva a ser um ser altamente inteligente e ao mesmo tempo perturbado.

A obra “Frankenstein” de Mary Shelley foi escrita no auge do Romantismo Inglês, por isso é marcante sua característica na obra, como vemos no sentimento pessimista de Victor, o protagonista do romance tem em relação à existência, ele não aceita a morte e o sofrimento que ela traz, por esse motivo busca um valor universal que a justifique.

Eu seria o primeiro a interromper os laços entre a vida e a morte, fazendo jorrar uma nova luz nas trevas do mundo, seria o criador de uma nova espécie. (...) Desde que eu teria a faculdade de dar vida à matéria, talvez com o correr dos tempos, me viesse a ser possível.⁹

Na citação acima percebemos a ânsia de Frankenstein por honra e glória, com o conhecimento adquirido e sua obsessão em criar um novo ser, busca através de meios pouco convencionais realizar seu intento.

⁷ (PRAZ, 1996, p.76)

⁸ (SHELLEY, 1988, p. 56)

⁹ (Ibidem, p. 49)

Sua maior ambição era tornar-se mundialmente reconhecido e com suas descobertas conseguir a imortalidade, e assim contribuir para com a humanidade, para que o ser humano não precisasse morrer, pois Victor Frankenstein era desta forma inconformado com a morte.

Notamos ainda outra característica do romantismo presente na obra, o egoísmo, o herói romântico julga-se o centro do universo. Victor buscava honra e glória, com sua criação, porém ela não saiu como ele esperava, então ele a deixa abandonada. Solitário num mundo marcado pela diferença e pela contradição, acredita que os problemas que atrai para si com o advento de sua criação, são os maiores do mundo.

Deus de misericórdia! Porque não morri naquele instante?! Porque estou eu aqui... Como pude, meu Deus, sobreviver a esse espetáculo?! Mísero que sou! Que maior condenação pode existir que a de viver?¹⁰

Depois da realização de sua experiência e a criação de um ser considerado “monstro” por sua aparência, essa criatura por seus próprios meios e esforços adquire conhecimento e sensibilidade, tenta o convívio com outros seres humanos, buscando o afeto, compreensão e solidariedade. Tinha esperanças de encontrar alguém que perdoando sua forma exterior o amaria pelas qualidades morais e bons sentimentos que possuía, mas isso lhe foi negado pelos seres humanos que só viam sua aparência externa, assim pede que seu criador faça uma companheira e quando Frankenstein nega-se a fazer um ser semelhante de igual aparência a sua o “monstro” jura vingança, já que Frankenstein desfrutou de algo que não soube dar a sua criatura, estava cercado de familiares e amigos, compartilhando de afeto e comodidades. Mary Shelley descreve o seguinte sobre a fala da criatura:

Parece esquecer, Frankenstein que me deve a mesma igualdade de tratamento que dispensa a seus semelhantes e que tem o direito a sua clemência e mesmo a seu afeto. Lembre-se de que é meu criador (...) De todas as benesses de que tenho conhecimento, eu sou sempre irrevogavelmente excluído.¹¹

¹⁰(Ibidem, p.189)

¹¹ (Ibidem, p. 94)

Quando percebe que a vingança de sua criatura não tem limites e esta cumpre a promessa que havia feito de que estaria com seu criador na noite de núpcias e assassina sua noiva Elizabeth, Victor Frankenstein no desespero de ter perdido sua amada pede auxílio a Deus por não suportar ver aquela cena, acha que estar vivo naquele momento é sua maior condenação, como vemos no fragmento acima.

Vemos também o envolvimento com a religião, ou seja, principalmente no ato da autora, no momento em que ela condena ao fracasso as pessoas que tentam desobedecer ou transgredir a ordem natural das coisas. Podemos confirmar essa atitude na ansiedade do personagem Victor, com seus questionamentos do porquê e para quê a vida. A exemplo, a autora mostra-nos o comportamento do personagem como forma de inquietações e buscas como na seguinte citação: *A insatisfação a incessante indagação tentando penetrar as leis ocultas da natureza, o júbilo de alcançar a percepção de uma partícula de seus inúmeros mistérios.*¹²

Percebemos que isso é sem contar com a aspiração do infinito; Victor queria moldar um ser humano perfeito e vencer a morte, salvo aquelas ocorridas por atos de violência e acidentes. Verificamos que ele acreditava que podia e que iria vencer sim esse enigma que corrói muitas pessoas. *Após dias e noites de incrível esforço e cansaço, logrei descobrir a causa fundamental da geração e da vida. E mais do que isso, tornei-me capaz de animar a matéria sem vida.*¹³

Com sua inteligência, estudo e dedicação na obra de sua criação, Victor buscava a imortalidade, e ao conseguir dar vida à matéria morta julga-se um ser superior. Ao assumir o papel de criador de um ser humano dotado de inteligência, capacidade de raciocínio ele não se preocupou com a criatura mas apenas com a imortalidade que conseguiria, como vemos no fragmento abaixo. *Se me faltassem entusiasmo e obstinação; esse novo intento seria penoso e quase intolerável, visto que, para examinarmos as causas da vida devemos começar pela morte.*¹⁴

E na tentativa de vencer a morte tornando-se imortal pelo conhecimento proibido, percebemos que Frankenstein traz para si dor, privação, construção de um exílio e solidão. Ao assumir o papel reservado às figuras divinas com a aquisição do

¹² (Ibidem, p. 30)

¹³ (Ibidem, p. 47)

¹⁴ (Ibidem, p. 46)

conhecimento e a criação de um ser humano ele desencadeou um processo de destruição para si e para os que viviam com ele, colocando a vida de todos em perigo.

Com esse romance, Mary Shelley, critica os personagens Iluministas de sua época, que em nome da razão, corroeram a tradição política e religiosa, e viam a razão, a ciência e a política como únicos meios de se chegar ao progresso. Notamos que na realidade o que Shelley faz em sua obra, é condenar ao fracasso todo aquele que em nome da razão passa por cima das leis naturais e divinas, ignorando princípios morais e éticos, como podemos comprovar no depoimento de Frankenstein o seu arrependimento por ter criado o ser que lhe causou tanta dor, destruição, e solidão chegou a amaldiçoar suas mãos por terem moldado a criatura:

(...) Você ainda se atreve a invocar-me a acontecimentos tenebrosos de que fui o miserável autor! Maldito seja o dia, cão danado, em que o fiz ver a luz pela primeira vez! maldito seja minhas mãos que lhe deram forma! Por sua causa conheci a desgraça além do inexprimível.¹⁵

Na realidade, ao transformar em distopia, a utopia científica de seu personagem, a autora parece condenar ao fracasso toda tentativa de transgressão da ordem natural e divina, contradizendo com os cientistas que em nome da razão ignoram princípios morais e éticos. Ao assumir o papel de criador pretendendo assim competir com Deus, Frankenstein comete uma profanação imperdoável e por isso é punido com o sofrimento e a morte. Notamos que o personagem tinha em mente criar um ser para concorrer com Deus e com isso conseguir a imortalidade, porém sua tentativa não obteve muito sucesso, ele fora punido, e como castigo recebera a morte.

Como se atreve a brincar assim com a vida? Cumpra o seu dever para comigo, e cumprirei o meu para com você e toda a humanidade. Vou lhe expor minhas condições. Se concordar com elas, deixarei em paz os homens. Caso contrário, continuarei a saciar a sede da morte, até que ela se farte do sangue dos amigos que lhes reatam.¹⁶

¹⁵ (Ibidem, p. 95)

¹⁶ (Ibidem, p. 93)

Segundo Shaltuck (1996) o exemplo que Shelley nos dá com a ambição intelectual de seu personagem, é que a vaidade da inteligência humana mal conduzida faz com que as pessoas percam seus valores e se conduzam por um caminho sem volta.

Jovem e desconhecido Frankenstein busca a fama, única salvação possível em seu mundo sem fé. Atira-se à tentativa fanática de criar vida humana, ato tradicionalmente reservado a figura divina, bem sucedida, encontra a perdição.¹⁷

Ao assumir o papel de criador, Frankenstein comete a profanação imperdoável, por isso é punido com o sofrimento e a morte. *O pior é que o ser que eu criara dava mostras de possuir vontade própria e capacidade de conduzi-la no sentido do mal e da destruição, e que primava por dirigir sua ferocidade contra seu próprio criador.*¹⁸ Frankenstein realizou seu grande sonho em criar uma nova criatura, porém seu sonho não foi tão realizado assim, pois sua criação não foi como desejava, pois suas tentativa de criar um ser humano perfeito tornou-se um tanto quanto frustrante no momento em que se deparou com sua cria, a qual ele esperava ser um humano perfeito, no entanto o que surgiu foi um “monstro” horrível.

Se a criatura criada por Frankenstein possuísse a beleza que ele sonhava e idealizava, com voz, estatura descomunal, força física e sabedoria então seria a honra e glória que ele esperava, desta forma, ele anunciaria para a humanidade seu experimento, para com isso receber o reconhecimento e prosperidade das gerações presentes e futuras, esperava com sua tentativa ser o primeiro ser humano a obter a imortalidade e consequentemente honra, glória e reconhecimento pela sua obra.

Toda existência monstruosa testa o convencional ao borrar as fronteiras das classificações sociais, revelando-as naquilo que realmente são: construções da vontade humana e não destinos imutáveis. Assim tudo é passível de transformação e questionamento, mesmo os sonhos de perfeição podem acabar imperfeitos.

Ao dizermos que o romance também se enquadra nos padrões do romance gótico, é porque vemos a caracterização da ambientação sombria, um clima que inspira terror e horror, como notamos no laboratório de Victor, toda a trama é envolvida em

¹⁷ (SHATTUCK, 1996, p.92).

¹⁸ (SHELLEY, 1998, p.71)

suspense, às vezes parece ter intervenção sobre natural. Como vemos também em outro fragmento quando o personagem persegue sua criatura pelos desertos, regiões bárbaras e por diversos países até chegar na região gelada do ártico, onde na brancura da neve padeceu a agonia, sentia frio, fome, fadiga e solidão.

Em todas as vezes que estava para sucumbir ou tinha algum obstáculo a sua frente que não conseguisse ultrapassar, algo o ajudaria para que ele conseguisse sobreviver.

Vemos nesse fragmento da obra que há duas possibilidades de leitura para a mesma. A primeira é a leitura de que Deus, ou uma força divina o ajudaria nas horas em que mais necessitava de ajuda.

Todavia parecia algum espírito de luz a dirigir-me os passos e, nos momentos mais críticos, desenredava-me das dificuldades intransponíveis. Outras vezes, quando vencido pela fome, sucumbia a exaustão, surgia-me como pela mão de um anjo, algo que me restaurava e me instigava o ânimo.¹⁹

Como vemos nesse fragmento Victor Frankenstein depois de passar por muitos sofrimentos e privações começa a acreditar em uma força superior que o estaria ajudando a restaurar suas forças, continuar vivo para conseguir seu objetivo. ... *dei graças a meu guia espiritual por me haver conduzido a salvo ao lugar onde esperava...*²⁰

Foi só depois de passar por todo aquele sofrimento, dor, solidão e desespero que Victor Frankenstein começou a acreditar em uma força superior, um Deus que o guiava e ajudava sobreviver, para que ele conseguisse cumprir sua missão destruindo o “monstro” criado por ele.

Outra possibilidade de leitura é a de que o próprio “monstro” movido por ódio e vingança contra seu criador providência as provisões para que o mesmo sobrevivesse e assim sua vingança contra o mesmo fosse completa. Assim é ele que, deixando seu sustento e não perdendo sua pista ia deixando marcas visíveis por onde passava, mostrando que é superior e despertando mais a fúria de Frankenstein.

¹⁹ (Ibidem, p.197)

²⁰ (Ibidem, p.199)

Meu reinado ainda não terminou (...) você vive, e meu poder é absoluto. Siga-me. Busco os gelos eternos do norte, onde você sentirá do frio e da geada, a que sou insensível. Você encontrará perto desse lugar, se não vier demasiado tarde, uma lebre morta. Coma-a e refaça-se. Venha mau inimigo. Temos ainda que lutar por nossas vidas, mas não poucas horas de sofrimento devem ainda ser suportadas por você, até que chegue o momento decisivo.²¹

Assim quando Victor estava para esmorecer e as dificuldades aumentavam, ele pensava que não iria conseguir, a criatura deixava alguma inscrição numa pedra e assim a força das palavras zombeteiras o impulsionavam para frente impedindo-o de esmorecer, seguindo sua jornada. Como vemos nessa inscrição deixada pelo monstro. *Prepare-se! Seus padecimentos mal começaram. Cubra-se de peles e providencie seu sustento, pois nos aproximamos do ponto da jornada que o fará desdenhar de tudo o que passou até agora.*²²

Parece que a criatura queria ter a certeza que seu criador não iria perder sua pista e assim continuar a perseguição, sofrendo tudo o que ele sofreu, padecendo na solidão e agonia como ele, o “monstro” havia sofrido e ao mesmo tempo não queria que ele morresse sem que sua vingança fosse completa pois lhe provia algum sustento conforme as condições. Lhe permitiam a morte de seu criador significava o fim do sentido de sua existência.

Em outras palavras, depois de sua exclusão do convívio da sociedade e dos seres humanos, o ser criado por Frankenstein se revolta contra seu criador por ter lhe abandonado e deposita todo seu conhecimento e ressentimento contra o mesmo. Sua existência passa a ter sentido na destruição de seu criador, o “monstro” quer que o mesmo passe por tudo o que lhe passou, só assim sua vingança seria completa.

A autora nos demonstra em seus relatos a ambição intelectual de seu personagem, vemos que a vaidade da inteligência mal conduzida, faz com que as pessoas percam seus valores e se conduzam para um caminho sem volta, como o de Victor Frankenstein. Caminho não aprendido pelos cientistas contemporâneos, que insistem em criar um ser humano perfeito, sem pensar em questões éticas, morais e

²¹ (Ibidem, p.198)

²² (Ibidem, p.199)

religiosas. E até mesmo sem pensar como seriam esses seres criados em laboratórios, que tipos de caráter teriam, como reagiriam caso soubessem de sua origem.

A personagem torna-se embriagada pelo sonho de dar vida a matéria morta e, mais do que isso, de criar um ser ideal, constrói a partir de cadáver um homem gigantesco e disforme, e dá-lhe vida. O cientista ao perceber que, em vez de um ser ideal, criou um “monstro” dotado de extraordinária força física. Com essa criação, o jovem cientista arrepende-se de sua façanha, abandona a criatura.

Tamanha era sua ambição em tornar-se famoso e descobrir o elixir da vida que “Victor Frankenstein” depois de cinco anos de estudos, dedicação e trabalho realiza seu experimento, esperando por um ser humano perfeito nutrido de boa aparência, inteligência e força física se desencantam com o ser que finalmente criara.

Percebemos que em nenhum momento Frankenstein se preocupou com sua criatura, o que ela poderia estar sentindo ou pensando, do que ela precisaria, preocupou-se apenas consigo mesmo levando em consideração apenas à aparência do ser criado por ele, horrorizado o abandona a própria sorte,

Em busca da realização científica que mereça admiração, e que é o que ele mais almeja, fama e glória, Frankenstein viola a mãe natureza, esquece dos princípios morais e éticos que regem uma sociedade e por isso paga caro por seus atos realizados. Conhecendo a história de sua vida, vemos que ele assegurou-se que a sua história era algo do passado e que servia como um aviso para as gerações futuras. Disso deve ser concluído que o que ele fez foi errado e que finalmente ele se responsabilizou pelos seus atos.

Depois de passar por todo o tormento de ver as pessoas que amava, mortas, e sofrer os martírios da perseguição à sua criatura, quando se encontra na companhia de Walton nos últimos dias de sua vida Victor Frankenstein parece ter consciência de seu próprio valor e da enormidade de sua queda. *Um alto destino parecia estar reservado a mim até que cai para nunca mais levantar-me.*²³ Segundo Shatuk (op. Cit.), Frankenstein parece ter real consciência de seu valor e sabe a enormidade de sua queda, ele sabe que o resultado de sua experiência poderia levar-lo a glória, mas por seu egoísmo ao abandonar e renegar sua criação, não mantendo seu sustento e bem estar

²³ (Ibidem, p.204)

levou sua cria para uma vingança contra seu criador, deixando destruição e morte sem que ninguém pudesse fazer nada para impedir a catástrofe que Frankenstein provocara.

Nesse momento Frankenstein percebe que, *mais feliz é o homem cujo conhecimento não ultrapassa os limites de seu cotidiano. Quanto maior o conhecimento, maior também é o pesar.*²⁴ Parece que o personagem tomou consciência de que o conhecimento proibido, adquirido e usado de forma inadequada poderia ter consequências desastrosas, não podendo voltar atrás e nem restituir tudo o que ficou perdido.

Portanto a tragédia de Frankenstein contada por Mary Shelley não é uma condenação moralista religiosa contra o saber médico-científico, mas uma povoação romântico-humanista que pretende lembrar que o homem, em sua ânsia de tentar aperfeiçoar a si mesmo e ao mundo, não pode perder a sensibilidade, o que significa equilibrar de modo inclusivo as relações entre meios e fins.

Com a criação da vida de forma diferente, como a forma usada pelo personagem ou seja a clonagem usada pelos cientistas na atualidade, as dificuldades para aceitação perante a sociedade seriam inúmeras, pois as pessoas não as aceitam e não entendem as diferenças de seus semelhantes, imaginam, e vêem como as diferentes formas da criação da vida. Acreditamos que os fariam com suas criações o que fez Frankenstein, que nem mesmo nome deu a sua criação, a qual é ironicamente conhecida pelo nome de seu criador, abandonaria sua própria sorte sem ao menos lhes dar a oportunidade de convivência numa sociedade marcada pela desigualdade e injustiças sociais.

Nos seus últimos momentos de vida Frankenstein reconhece seu erro em ter criado um ser e o ter abandonado sem assegurar-lhe seu sustento, a felicidade e bem estar e ao negar-se em criar uma companheira também lhe negou o direito de convívio com outro ser humano.

Mas as suas últimas palavras marcam o aparecimento do cientista fanático, tentando que outros continuem na busca do conhecimento e mesmo na morte não deixa os impulsos vaidosos que destruíram sua vida.

Adeus Walton, Busque a felicidade num viver tranquilo e evite ser dominado pela ambição, mesmo que seja, essa construtiva, de distinguir, de

²⁴ (ibidem, p. 112)

distinguir-se no campo da ciência e dos descobrimentos. Mas porque falo isso? Na verdade, se eu me arruinei nessas esperanças, pode ser que outro seja bem sucedido.²⁵

Assim as últimas palavras de Frankenstein que concluem seu ciclo trágico estão longe de anularem as esperanças de descobertas no campo da ciência, mas servem para corrigir em "Walton" um tipo de ânsia de saber que por desequilibrar a relação entre meios e fins perde a sensibilidade em relação à beleza da vida em qualquer de suas relações.

²⁵ (Ibidem, p. 211)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme fora proposto no início deste trabalho, tínhamos por meta uma pesquisa acerca do personagem masculino, Victor Frankenstein, para conhecer seu perfil e sua obstinação na criação do ser idêntico, ideal, dentro da obra *Frankenstein* escrita por Mary Shelley.

Para discussão teórica, buscamos como fonte de pesquisa, teóricos que escrevem sobre o romantismo e o homem romântico, na perspectiva sócio humanista, tendo em vista ser a teoria que coloca a literatura e consequentemente nosso objetivo como ponto de reflexão sobre a criação de uma nova vida, seja na idealização romântica da obra ou através da clonagem muito discutida nos dias atuais.

A atitude autoritária do personagem estudado dentro da obra nos diz respeito a um homem inteligente, cheio de manias, individualista, ele demonstrou-nos ser uma pessoa recatada coisa de cientista. Idealista, ele sonhara por toda sua vida criar um ser humano e notamos que ele o conseguiu, não com muito êxito, mas realizou.

Com os estudos realizados podemos constatar no perfil do personagem Victor Frankenstein, características do homem romântico que com seu individualismo busca honra e glória, na sua atitude egoísta julgando-se o centro do universo, realiza seu “sonho” de dar vida à matéria morta, com isso pretendia vencer a morte. Idealiza um ser ideal cuja aparência, força física, inteligência e sensibilidade fosse superior a seu criador. Com sua obstinação, depois de buscar e adquirir o conhecimento proibido se rivalizando com Deus buscando a imortalidade assume o lugar do criador e dá vida a um ser humano, cometendo assim uma profanação imperdoável atraindo para si dor e sofrimentos.

A atitude do personagem nos leva a discussões dos limites éticos, morais ou religiosos do trabalho científico, é desse ponto de vista que Frankenstein mantém há quase dois séculos sua atualidade. A criação de um ser é um tema que vem sendo muito discutido nos dias atuais com a clonagem de seres humanos. O questionamento que nós fazemos é, até que ponto devemos chegar? Ainda que tenhamos tecnologia suficiente, podemos nos aventurar a criar um ser humano? Não estamos cometendo os mesmos erros que “Frankenstein”. Devemos pensar como seriam esses seres criados em

laboratórios, que tipo de caráter teriam, como reagiriam eles casos soubessem de sua origem.

Os enigmas seriam muitos, sabemos que a sociedade não aceita e não compreende nem mesmo as diferenças de seus semelhantes, ou seja, eles não se vêem espelhados em um ser criado pelo próprio homem, não se imaginam de outras formas de vida. Aconteceria com esse clone o mesmo sucedido com Frankenstein, que criou um ser e nem mesmo um nome deu a criatura que tornou ironicamente conhecida pelo sobrenome de seu criador.

Concluimos que o personagem por hora estudado, nos demonstrou ser uma pessoa tremendamente inteligente, pois ele como cientista que era já tinha em mente a clonagem de um ser humano, coisa que não era propícia para aquela época. Mesmo não sendo muito bem sucedido ele ousou, concluiu sua experiência. Apesar da polêmica hoje sobre a clonagem, percebemos que a ciência vem sofrendo inúmeras alterações ao longo dos anos. Passaram-se séculos, e o papel da ciência são o de desvendar mistérios, ou seja, um cientista, é reconhecido como o nosso personagem um ser sonhador, e meio louco. Porém sabemos que um bom cientista, antes de qualquer coisa deve preservar sempre os princípios morais, éticos e religiosos de cada ser humano, ser responsável, ético.

Sabemos que cada indivíduo possui características próprias, e não é diferente com o personagem, objeto de estudo, ele nos demonstrou possuir condições para fazer suas pesquisas científicas, e com isso descobriu o elixir da vida, o fim da morte, algo tão desejado por ele.

Constatamos que todo o “conhecimento” adquirido em torno do personagem deve ser usado com sabedoria, ele nos demonstrou o tempo todo uma obstinação em criar uma nova vida, juntando pedaços de cadáveres, para que com isso a morte fosse derrotada, tanto tentou que conseguiu, entretanto não obteve a honra e glória tão desejada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

GUINSBURG, J. *O romantismo*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PRAZ, Mário. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. São Paulo: Unicamp, 1996.

SHATTUCK, Roger. *Conhecimento proibido*. São Paulo: Companhia de Letras, 1998.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.